

A economia do País sob ameaça de perder mais meia década

GAZETA MERCANTIL

13 JUN 1991

Carlos Feu Alvim *

O atual governo ainda não apresentou oficialmente à sociedade brasileira o cenário econômico de crescimento com que trabalha para os próximos anos. Antes de deixar a Secretaria de Política Econômica, o secretário Antônio Kandir entregou ao presidente da República um estudo do IPEA em que são apresentados três cenários para a economia brasileira até o ano 2000. O documento divulgado não fornece os números no horizonte do atual governo.

Nas negociações com o Fundo Monetário Internacional, o Brasil forneceu um cenário em que eram apresentados os números globais para o crescimento econômico nos próximos anos. Por ocasião da elaboração da Matriz Energética Nacional, cujo relatório foi concluído em 7 de maio último, o Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento detalhou este cenário em termos setoriais. O crescimento no cenário de referência no período do governo Collor foi previsto como de 1,2% ao ano, o que resultará em uma queda anual média do produto per capita de 0,5%. Além deste cenário de referência, duas variações denominadas como cenário alto e baixo foram apresentadas.

A figura mostra que o cenário de referência e mesmo o alto podem ser consi-

derados como cenários de estagnação em termos de produto interno por habitante na primeira metade da década de 90. Isso sem considerar, como o fez a Comissão da Matriz Energética, o cenário baixo, que conduziria a resultados ainda mais alarmantes.

Note-se que, para que o nível de renda permaneça constante, é necessário que o País cresça pelo menos 1,7% ao ano, que é o crescimento previsto da população.

Para que o País não aumente sua defasagem em relação aos países desenvolvidos, cujo produto per capita continua a crescer, seria necessário que o Brasil crescesse pelo menos 3,5% ao ano. A queda no PIB, no ano passado, de 3% representou uma redução na renda per capita de 4,6% e um atraso em relação aos países desenvolvidos de cerca de 6% no que se refere a esta variável.

Os níveis de crescimento propostos no cenário de referência implicam um PIB per capita no final do governo Collor inferior ao inicial e que esta variável só alcançaria o nível de 1989 em 1995.

Adotar como plano de governo as metas implícitas neste cenário pode significar alcançar valores inferiores de crescimento como, aliás, já ocorreu em 1990. Se o governo considerar que este é o cenário provável, seria necessário adotar, em contrapartida, uma política social vigorosa

de modo a minorar a tendência de concentração de renda que as crises trazem consigo. Ao mesmo tempo, teriam de ser atacadas as causas estruturais da estagnação que já se prolonga por mais de uma década.

Seria, além disso, necessário preparar a opinião pública para este cenário, já que ele não coincide com o discurso do presidente da República de retomada do crescimento, e isso pode causar uma profunda frustração popular, com todas as consequências políticas e sociais que isso acarreta.

Discute-se atualmente no governo o rumo da política econômica. O quanto deve-

mos crescer deve estar no cerne das discussões. Por isso parece importante definir um cenário de crescimento mais de acordo com as necessidades do País e que ofereça ao setor produtivo a sinalização necessária para que realize os investimentos que permitam alcançar as metas propostas. Com as baixas taxas de crescimento previstas, no cenário de referência, para o atual período de governo não há incentivo para investir.

* Doutor em Física e coordenador-geral de Desenvolvimento Tecnológico da Secretaria da Ciência e Tecnologia da Presidência da República.